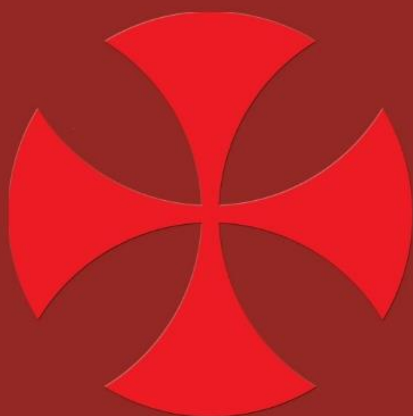


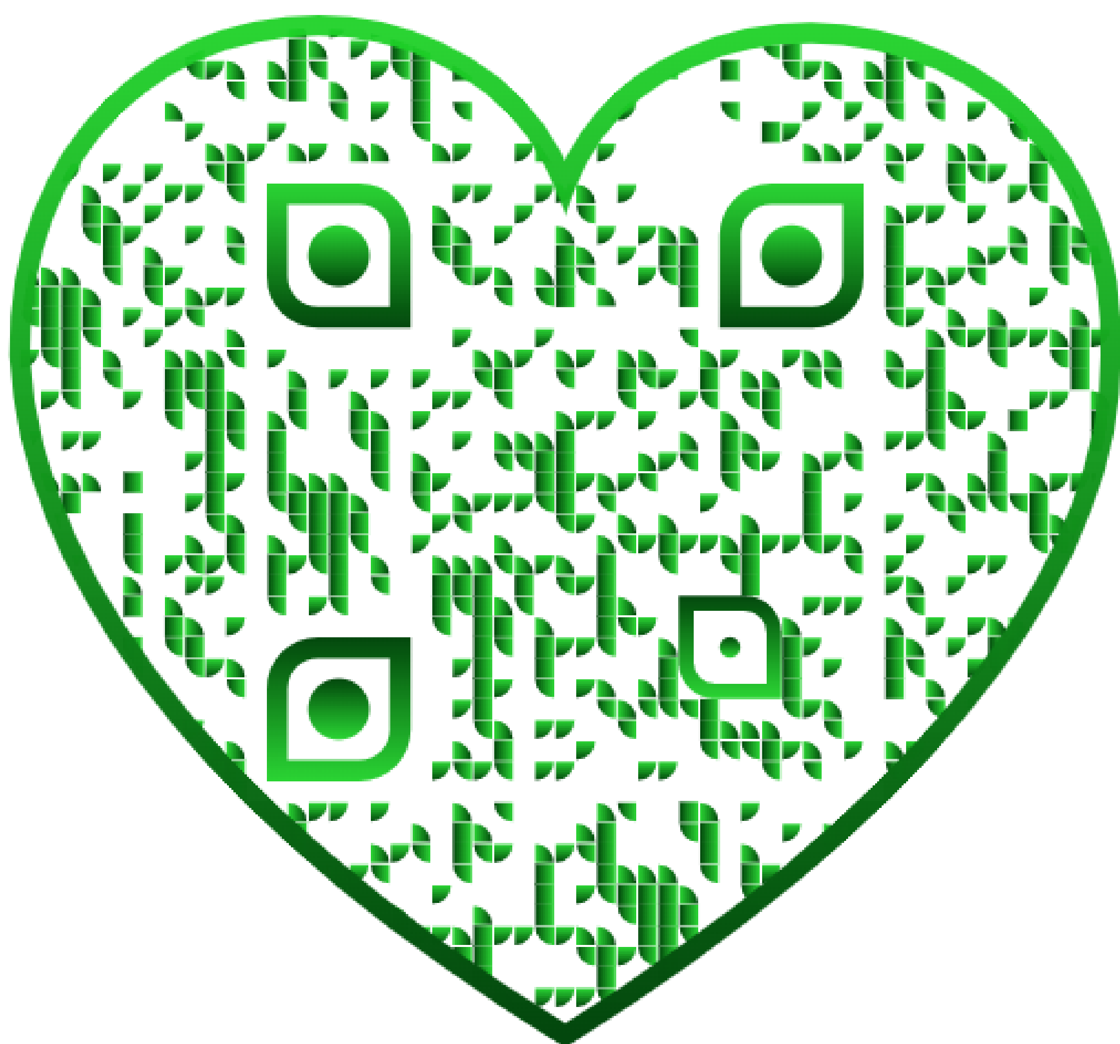
Sociedade das Ciências Antigas



A Oração



Louis Claude de Saint-Martin





Sociedade das Ciências Antigas

A ORAÇÃO

EXTRAIDO DO LIVRO "OBRAS POSTUMAS DE M. DE ST-MARTIN" TOMO SEGUNDO, PAGS. 403 A 443 (ANO DE 1809)

POR

LOUIS CLAUDE DE SAINT MARTIN



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

"LA PRIERE"
OEUVRES POSTHUMES DE M. DE ST-MARTIN
TOME SECOND, PAGS. 403 A 443
CHEZ LETOURMY, IMPRIMEUR LIBRARIE
RUE COLBERT N• 2, A TOURS - FRANCE
EDIÇÃO DE 1807

Se a natureza é tal como a iniciação de todas as religiões, a oração seria a consumação, visto que contém a todas. E por que contém em si todas as religiões? Porque ela preenche nossa alma desse encanto sagrado, dessa magia divina que é a vida secreta de todos os seres, dessa magia que explica a diversidade das religiões dos homens e que justifica sua atração pelas diferentes claridades que maravilham seu espírito, pois esta magia, que não é outra coisa senão a admiração encontramos nas por todas as partes, lá onde nos deparamos com Deus; ao final dessa magia que nos faz atravessar os perigos sem vê-los, suportar as fadigas sem senti-las, que derrama paz, quase diria que inclusive o prazer sobre nossos males e nossa própria morte, proporcionando a nosso ser imperecível, nesses momentos cruciais, atividades fascinantes que lhe conduzem finalmente ao seu objetivo tal como por um influxo indefinível, ocultando-lhe, por assim dizer, os caminhos perigosos que devemos necessariamente percorrer e mostrando-lhe fisicamente que todos nossos movimentos e passos se realizem no decorrer da vida, devendo nossa própria morte possuir esse caráter; não é para nós senão uma das *florações* da admiração, mostrando-se como o cume desta obra de geração que devemos construir durante todo o curso de nossa existência.

Mas quando alcança a oração esta meta sublime? Quando conseguimos que as preces orem em nós e por nós, e não nessas orações que nos vemos obrigados a sustentar em todos os lugares, expondo-as através de fórmulas ou atitudes pueris e escrupulosas; é quando sentimos que Deus apenas habita em suas obras, tal como o fazem todos os seres, e como suas obras são espírito e vida, não podemos esperar que habite em nós até que nos tenhamos convertido em espírito e em vida; quer dizer, até que cada uma de nossas faculdades se converta em uma das obras de Deus.

Lamentavelmente, os homens se encontram longe de serem suficientemente felizes de poderem se elevar à altura dessa inefável religião da oração, elevando-se apenas à altura da religião da inteligência, entregues de tal forma ao sensível, para não dizer ao material, que sem a religião dos fatos ou dos prodígios lhes é quase impossível ter acesso à sua alma e revelar em si mesmos o princípio da *vida*; por isso, é necessário, para seu bem, começar a tratá-los como inimigos (aos prodígios) antes de pensar em tratá-los como irmãos. Não obstante, será o corpo desses irmãos que deve realizar a obra. Onde se encontram aqueles que não pedem mais milagres, tal como lhes foi repreendido aos judeus, mas que também não se limitam tais como os gentios a buscar a sabedoria do espírito, senão que mergulham neste abismo imenso da oração, provando efetivamente que tudo que não conduz a esta religião ativa e viva não é mais que um fantasma? Onde estão aqueles que reconhecem o quanto o gosto pelo maravilhoso absorve e oculta para nós os milagres que poderíamos encontrar na oração? Onde se encontram aqueles que tomam a firme resolução de morar no templo do Senhor até que sintam que o templo do Senhor veio morar neles?

A eterna Sabedoria Divina mantém todas as produções da imensidão eterna em suas formas, em suas leis e em sua atividade vivente: o ar opera o mesmo efeito sobre todos os seres da natureza, pois, sem ele, dissolver-se-iam todas as formas; a oração tem o mesmo destino e emprego em relação ao homem; ela deve fazer descer seu peso sobre todas as faculdades que compõem nossa existência e mantê-las todas em seu jogo; tal como o poder universal pesa incessantemente sobre todos os seres e os pressiona a manifestar a vida que possuem em si mesmos.

Esta Sabedoria Eterna é o ar que Deus respira; é uma de suas medidas: é o que faz com que a forma de Deus seja Eterna: não há nada a combater, nem trabalho algum a suportar, tal como seria com essa sabedoria temporal da qual necessitamos durante nossa jornada nas regiões mistas. Eis aí o modelo de nossa oração, a qual nada obtém se não adquirir esse caráter de unidade ativa que a eleva acima do tempo e a transforma no canal natural para as maravilhas da eternidade: pois é ela que, ao pressionar sobre todos nossos canais espirituais, purifica-os de toda sua corrupção e lhes coloca em um estado receptivo a todos os tesouros que nos devem ser transmitidos.

Quando dizemos no *Pai Nosso, santificado seja Vosso nome,* não fazemos senão invocar o cumprimento desta Lei. A alma é o nome de Deus: assim, se conseguirmos que o nome de Deus seja santificado em nós, a partir desse mesmo instante o canal das maravilhas da eternidade opera através de nós, e ditas maravilhas podem expandir-se não somente sobre nós, senão também sobre a imensidão que nos rodeia. Pois é ao nos unirmos a todos os eleitos de Deus, todos os Patriarcas de Deus, todos os Apóstolos de Deus, que podemos dizer *Pai Nosso* no sentido mais sublime, porque assim somos seus irmãos, participando em todas suas obras. Essas maravilhas não mais se detêm, uma vez aberto seu acesso em nós, já que então somos iniciados no movimento divino e esse movimento divino não se interrompe jamais, porque é filho do desejo, e o desejo é a raiz da eternidade. No entanto, esse movimento divino em nós não se encontra senão no repouso absoluto de nosso ser e no cessar de todas as tempestades que sofremos na região do tempo.

Oh, quão grande, temível e magnífico seria o homem que não fosse a síntese do pecado!

Não haveria forças, luzes e virtudes que não se encontrassem nele. Mas que dor para o homem sentir que não pode esperar orar tranquilo e em plena liberdade até que o universo inteiro seja dissolvido; sentir que tudo que o cerca, tudo que dele se aproxima, tudo o que neste momento lhe constitui é um obstáculo a sua oração.

Também, que o homem se examine, antes de proferir a prece do Centurião: *Dizeis uma só palavra, etc.* Desgraçado é esse homem, se pronuncia essa palavra antes que possa compreendê-la, pois não a pronunciaria senão para afugentá-la e perdê-la. Quem está em condições de escutar e de entender, retendo em seu ouvido a palavra do Senhor?

Eis aqui o que deve ser a palavra do Senhor para aquele em quem a oração tomou posse. Ele encontra esta palavra em todos os lugares: encontra esta palavra em todas as horas, pois, já que não existe tempo para o espírito, não há tampouco lugar para o espírito. O tempo e o espaço, não são eles proporcionais?

Terra, detei-vos; céus, suspendei vossa voz, e tu, príncipe das trevas, afasta-te e precipita-te em teus abismos. Pois um homem vai orar, e vai orar até que sinta que alcançou esta região onde o homem está perpetuamente atormentado pela busca e pela insistência da oração e da palavra.

Somente deveríamos dirigir a Deus orações de agradecimento e nunca Lhe pedir nada: já que dá sempre e apenas dá o que é sempre perfeito e bom para nós. Dai-nos abundantes delícias e favores, inclusive quando sentimos, devido a nossas máculas, apenas merecer castigos e esperar somente suplícios.

Os infelizes homens o sabem e não cessam de fazer morrer a Deus; isto é, impedir-lhe de penetrar neles e, por conseguinte, manifestar-se fora deles. Pois, se nossa felicidade é conhecer a Deus, a felicidade de Deus é ser conhecido por nós, e tudo que se oponha a isso é uma morte para Ele. Choremos, choremos sobre os pecados dos homens e sobre os nossos próprios. Façamos com que possamos sentir o quanto Deus nos ama e para convidar-lhe a nos fazer sentir o quanto nos ama, prometendo-lhe que trabalharemos para manifestá-lo e não nos daremos momento de repouso algum no qual não lhe tenhamos oferecido a palavra.

Entremos em nossa penitência e no sentimento de nossa ingratidão para com Ele até nos entregarmos, sem pesar e inclusive com prazer, aos sofrimentos, perigos e temores de todo gênero; isto é, submetamo-nos com gosto aos castigos e penas que justamente merecemos. Castiga-me, Senhor, porque então estarás próximo de mim. Uma vez que a principal oração que devemos realizar e a principal obra na qual devemos trabalhar serão pedir a Deus a paixão exclusiva de Lhe buscar, de O encontrar, de estar unidos a Ele e não nos permitirmos um movimento sequer que não derive desta referida paixão, já que esta via nos obrigará a ser verdadeiramente a imagem e a

semelhança de Deus, quando nada mais faremos, não teremos mais um só pensamento, nenhuma floração em nós que não proceda e não saia diretamente da santa palavra interior e divina, assim como não existe nada em todos os universos dos espíritos e dos mundos que não proceda continuamente da eterna e universal palavra geratriz e criadora de todas as coisas. O amor se faz nosso irmão; digamos-Lhe: desça ao meu coração como um médico habilidoso e experiente e pronuncia-Te sobre o tratamento que convém às minhas feridas; a qualquer amargura, a qualquer dor que seja, me submeterei com alegria, pois é o único meio que possuo de recobrar a saúde. Estarei tranquilo em Tuas mãos, já que me precederás em meu suplício; estarei tranquilo em Tuas mãos, porque me amas; estarei tranquilo em Tuas mãos, porque És poderoso, e todos os males, todos os perigos e todos os inimigos se destruirão para mim ante Tua simples presença.

Contudo, não é suficiente pedir a Deus que desça até nós; não teremos feito nada, se não permanece, e esta é a maior infelicidade da qual são normalmente vítimas os homens: porque Deus desce com frequência neles; mas frequentemente O deixam partir de novo, ou mesmo fazem com que Ele saia, parecendo, por assim dizer, que não se dão conta disso.

Homens, reavivai vossas esperanças, recordai que Deus se fez um órgão em vosso lugar (como se pode ver na 7ª religião ou nas tradições); recordai a Deus Sua própria palavra através da qual disse que se fez órgão em vosso lugar: dizei-Lhe que Suas palavras não podem passar e importunai-Lhe até que sintais que realmente se fez órgão para vós em todas as vossas faculdades; é então quando vossas alegrias, vossa paz e vosso triunfo estarão assegurados; e dirás: feliz aquele que persevera até o final! Todavia, antes de aplicar esta medida ao fim universal das coisas, não deveis aplicá-la senão ao fim de cada uma de vossas próprias obras espirituais – particulares, as quais nunca deveis abandonar e deveis levar até o fim, por vossa perseverança, ou a esse divino resultado que só pode compensar-vos por vossos próprios trabalhos e vos ressarcirá ao cêntuplo por vossas penas.

Pedi, portanto, sem cessar, a este Deus que Se crie a Si mesmo em vós, em misericórdia, em força, em amor, em caridade, em resignação, em confiança, em doçura, enfim, em toda a natureza primitiva de nosso ser: pois tal deve ser a manifestação e a atividade contínua de nossa Substância Divina; pedi-Lhe todos esses favores agora, desejai ser atormentado como Ele de impaciência pela justiça, dessa impaciência com a qual se alimenta a alma do profeta e faz com que sua alma seja um mar agitado e espesso, que não consegue obter repouso.

Como não iria ser atormentada a alma do profeta com a impaciência da justiça?

Ele sente o que são o real, o santo e o verdadeiro, o que são o agora, o que sempre são, e que, não obstante, ele encontra-se detido como um escravo e como um ser com o qual se joga em meio ao falso, ao aparente e ao ilusório.

Mas eis aqui as diversas progressões do homem segundo os diversos graus em que se encontra, seja por sua falta, seja por uma ordem. O homem que ama o pecado teme a tudo e lhe repugnam todos os sofrimentos; o homem que odeia o pecado, não teme nenhum destes sofrimentos; o homem que faz penitência por seus pecados suporta-os com resignação e inclusive com alegria; o homem que faz penitência pelos pecados dos outros e pelo grande crime, deseja estes mesmos sofrimentos com ardor e eles são seu consolo; o homem da torrente não conhece essas úteis progressões: seu corpo toma demasiado do espírito para que seu espírito possa tomar seu corpo.

A oração é uma vegetação, porque não é senão o desenvolvimento laborioso, progressivo e contínuo de todas as potências e de todas as propriedades divino-espirituais e naturais, temporais, corporais e gloriosas do homem, que têm estado escondidas e enterradas pelo pecado.

Não poderás jamais conhecer a oração da penitência, se não tiveres percorrido o vasto campo da necessidade do primeiro homem, o da natureza imortal, espiritual, pensante e falante, da tua horrível

privação que te demonstra a evidência de um castigo, como consequência de uma falta, e, por conseguinte, uma justiça anterior a ti; jamais poderás conhecer tua purificação viva e real até que tenhas passado por tal penitência; jamais poderás conhecer tua regeneração senão após haver sofrido essa viva purificação ou esta penitência que, por tuas lágrimas, te produz o *Batismo da água* que lava todas tuas manchas; nunca poderás exercer as obras e dons do espírito até que tenhas sido restabelecido em tuas potências por tua regeneração; nunca poderás ensinar com segurança e de forma útil por escrito o que não tenhas ensinado através de diálogos e discursos; jamais poderás aproveitar a leitura das *boas obras* até que tu mesmo não tenhas ensinado pelo diálogo e pelos discursos; jamais poderás encontrar repouso para teu espírito até que não te preenchas com a leitura das *boas obras*. Isto te indica qual é a imensidão do domínio da oração e, ao mesmo tempo, qual é a grandeza do trabalho que ela te impõe; porque neste campo não existe um só grau que não conte com tua atividade para render-te seu fruto, a fim de que não esqueças que és um extrato vivo de uma fonte viva, e que sua imagem toda deve nascer de ti, seja para que te some ou te subtraia. Deus é um rei que sempre entra em seu reino e que jamais o deixa. É para a alma humana como um esposo terno e atento que vela com cuidado contínuo para poupar sua esposa querida não somente dos males e perigos, senão também da mínima fadiga.

Magnífico Deus de minha vida, transforma todos os seres que compõem o tempo; que se convertam em luzes de Teu templo eterno, que se convertam em órgãos de Teus cânticos santos, e que digam todos juntos, sem interromper por um só instante: magnífico Deus de minha vida, magnífico Deus de minha vida, magnífico Deus de minha vida, tudo está em Ti, Tu estás em tudo, e nada se conhece, nem se ama, nem é feliz senão que por Tua vida e em Tua vida. Somente existe Teu espírito de vida que cria os espíritos em nós, enchendo-nos de seus seres imortais e eternos. A Lei de Moisés era apenas um reflexo de Teu espírito, por meio da qual unicamente criava em nós potências passageiras: és Tu que crias em nós uma abundante imensidão de Tuas potências permanentes e a plenitude de Teus espíritos.

A oração é a principal religião do homem porque é aquela que une nosso coração ao nosso espírito; e isto ocorre porque nosso coração e nosso espírito não estão ligados ao cometerem tantas imprudências, vivendo em meio a tantas trevas e ilusões. Quando, ao contrário, unem-se nosso espírito e nosso coração, Deus se une naturalmente a nós, uma vez que nos disse que, quando nos reunamos em Seu nome, estará entre nós, e então poderemos dizer, como o Reparador: *Deus meu, eu sei que Tu sempre me atendes*. Tudo aquilo que não vem constantemente dessa fonte se encontra na categoria das obras separadas e mortas; inclusive as obras do espírito que possam operar em nós, através dessa fonte, como se fossem seu órgão, não nos parecem comparáveis a tal união; mas o meio de se preservar do orgulho nessa classe de obras é ter nossos olhos permanentemente voltados para tal fonte, pois então sentiremos que apenas trabalhamos para Sua glorificação, assim como, quando pomos as obras do espírito nas vias e intenções externas, sentimos que trabalhamos para nossa própria glorificação.

A oração une nosso espírito e nosso coração a Deus, e quando abre em nós o lugar divino, sentimo-nos novamente aquecidos, sentimo-nos animados e vivificados por todas as potências divinas; todas as bases da aliança se assentam em nós, todos os Patriarcas, todos os Profetas do Senhor, todos os Apóstolos realizam cada um suas funções em nós; realizam estas funções em nós porque o Espírito Santo as realiza neles mesmos, e todas estas diversas funções operam em nós por uma união deliciosa e uma harmonia que nos faz sentir a santa fraternidade de todos os Eleitos de Deus e seu entusiasmo ardente e recíproco de promover em nós a obra de Deus; eles nos apresentam esta santa harmonia porque eles mesmos são dirigidos e influenciados pela harmonia da unidade etc.

Disse e escrevi que nossa oração deveria ser somente uma contínua ação de graças; isto não deveria nos surpreender se refletíssemos sobre nossa situação neste mundo: todos deveríamos, de fato, compor nossa prece, ou nossa oração contínua, com a lista de graças preventivas que recebemos. Cada um deveria se ocupar da enumeração dos males que não sofre, das tribulações das quais se

salvou e das privações de que foi poupado. Cada um poderia estender infinitamente o salmo 43: já que não são mais as misericórdias que receberam nossos pais que poderíamos contar como o faz o canto judeu, senão que são as misericórdias que nos foram e nos são concedidas diariamente a nós mesmos. Se cada um seguir esta via, sentirá logo a alegria, a paz, o consolo; e a mão suprema e misericordiosa lhe alcançará para proteger-lhe inclusive de consideráveis males que parecem inevitáveis à nossa natureza, mas que, todavia, nos chegam com frequência devido às nossas faltas e imprudências. Porém, para chegar a este ponto de sublimidade aonde nos pode conduzir a oração, é necessário obtê-lo ao preço das dores do parto; é dessa forma que nos restou a lembrança do preço que nos custava e do tesouro que se tornou para nós o preço do amor.

Aprendamos também agora o grande segredo de que Deus nos observa às vezes em nosso trabalho e em nossa oração, como uma mãe observa a seu filho quando se encontra em combate com as angústias pueris próprias de sua idade e com os pequenos simulacros de perigos aos quais lhe expõe para lhe formar e lhe fazer desenvolver suas próprias forças. Deus, como esta mãe, sabe bem que Seu amor coroará nossos esforços, inclusive se compraz em Seu amor para conosco ao nos ver assim agitados diante do temor de diminuir, perante nossos olhos, o valor de tal tesouro, o qual é nosso único bem; cuida para que o conquistemos por nossos suores, embora esteja bem determinado ao acordo, e esta vitória sobre nosso coração é uma doce conquista na qual, em segredo, se regozija do avanço; é assim que, em meio a nossa própria liberdade, não somos mais do que os órgãos e a execução de Seus divinos propósitos, cujos móveis primitivos permanecem sempre ocultos em Suas mãos, ou melhor em Seu coração; e ao mesmo tempo percebemos, com surpresa, e quando menos o esperamos, quão doces são Seus planos e Seus meios plenos de sabedoria sempre novos e maravilhosos. Visto que, através de Sua divina dedicação, nos livra dos males aparentes para nos conduzir ao temor e à oração de súplica, livrando-nos continuamente de males reais para nos induzir ao amor e à prece de ação de graças.

As vantagens destes fios de amor, ou deste fogo vivo e animado que deve terminar por nos abrasar, são inumeráveis; e a principal de tais vantagens é a de nos preservar de todos os gêneros de golpes do inimigo: porque quando o fogo do amor é aceso em todo o nosso ser, o inimigo, por mais que golpeie, não golpeia sobre nós, apenas golpeia sobre a cólera que está como que apartada de nós, o que quer dizer que ele golpeia a si mesmo e se infringe seu próprio castigo.

Este fogo de amor detém de tal forma os poderes do inimigo, que os magos do Faraó não tiveram sequer forças para imitar os prodígios de Moisés, tanto que, ao pedido do rei do Egito, ele rogou pela cessação da praga das rãs (que era a terceira). Certamente, o que te pode resistir, homem, se tiveres a sorte de orar, até sentires teu fogo de amor ou tua santa eternidade se mover em ti! Não esqueças que não somente deves ser uma operação de Deus, senão que esta operação de Deus deve ser contínua e a todo instante. Oh, Deus, façais, pois, com que, em cada ato de meus desejos, deixe passar um pouco de Ti ao mundo! Não temos outra ocupação senão sermos, por assim dizer, os anunciadores de Deus ao mundo, e que os homens O provem em todas as circunstâncias de sua vida; isto é, que provem sem cessar, sem inventar nada: pois quando contarem os feitos do espírito, não terão nada de certeza dos fatos que contam; e quando compreenderem verdades interessantes, sua inteligência não terá em nada a precisão das verdades que compreendem; mesmo que realizem ações bondosas, humanas, generosas, sua ação não participará em nada da santidade e equidade da lei eterna que ordena semelhantes ações. Desta forma, a memória do homem não é mais do que a anunciadora da evidência dos fatos; sua inteligência apenas é a anunciadora da justiça e da lei que está sob ele. Não obstante, quanto mais empregue suas faculdades neste comércio, mais o aumenta, e ao mesmo tempo, mais amplia sua própria existência; vê-se também que quando mais põe de si mesmo neste comércio, mais é digno de nosso reconhecimento e das recompensas da justiça universal, já que com isso aumenta nossas próprias riquezas e a glória de seu mestre, manifestando as maravilhas divinas. De fato, na ordem comum, o homem inteligente é superior ao homem que conta (narra), e o homem que age é superior a um e ao outro; visto que tal como o princípio das coisas seria nulo para nós, se não se houvesse transformado em obras, igualmente o homem não é

um ser completo, se não leva ao desenvolvimento e ao uso suas faculdades para a ação.

No Apocalipse 13: 8 e 9 nos é dito: *A besta será adorada por todos os que habitem a terra e cujos nomes não estejam no livro de vida do cordeiro que foi imolado desde o começo do mundo. Aquele que tenha ouvidos, que escute.*

Eis aqui onde o homem aprende por onde deve começar a conduzir o desenvolvimento de sua prece e o uso de suas faculdades para a ação; se vir que seu edifício não está fundado sobre areia, deve refletir que a obra particular do homem é uma imitação da obra geral; desta forma não obterá o objeto de suas obras, se não começar a repetir em si mesmo a imolação do cordeiro, porque a obra particular do homem deve também lhe criar um mundo, isto é, uma operação universal espiritual emancipada de toda operação terrestre da vontade humana, e, por conseguinte, o cordeiro deve ser imolado dentro de si desde o começo deste mundo particular que deve ser para ele uma obra completa; mas como nenhuma imolação particular pode-se fazer nele, senão através de sua união com a imolação do cordeiro universal, aprende desta forma o único meio que possui de inscrever-se por sua vez em seu próprio livro da vida e no livro da vida por excelência: quer dizer, em quais condições se pode preservar da adoração da besta, pois tudo o que não está nestes livros de vida está na besta. Eis aqui, creio eu, com qual ouvido se deve escutar tal passagem. Nosso corpo animal não é a besta, embora se encontre unido a ela; por isso devemos nos prometer não acordar nada com este animal tão próximo à besta, antes de obter e sentir a todo momento, sobre nós mesmos, o alimento do espírito.

Deus supremo! Somente Tu pode servir-Te de orar em Ti mesmo, reencontrando-Te a Ti mesmo em nossa oração, com a qual podes gratificar-Te e estar contente. Contudo, também é quando Te reencontra a Ti mesmo em nós que podemos nos crer regenerados e pronunciar com emoção e uma alegre confiança: *Consummatum est.*

Todavia, estas alegrias estão ainda bem distantes de serem permitidas ao homem; este tem primeiro de ganhá-las através de suores contínuos de seu sangue e de seu espírito. Em princípio é necessário que sofra por seus próprios pecados; é necessário que escute em si mesmo a voz temível de seus pecados, voz mil vezes mais espantosa do que a de todos os males da terra; é necessário que sinta o horror de haver podido escandalizar ao Ser Santo e Justo por excelência, e que recorde o que diz a Escritura: *Infeliz daquele que haja escandalizado ao menor de seus irmãos.* Por conseguinte, que desgraça para aquele que tenha escandalizado ao maior de todos! Deve fazer-se circuncidar em todas as partes de seu ser e sofrer como os Siquenitas (Gênesis 34) as consequências dolorosas da operação durante vários dias; é preciso que medeie a misericordiosa justiça deste Deus ultrajado que, apesar de lhe havermos escandalizado até seu próprio centro divino, não nos castiga, ou melhor, não busca nos corrigir, senão pelas tribulações terrestres e aflições corporais, coisas todas que não deveríamos ver como aflições, pois a privação de tudo o que dura no tempo, e inclusive na própria morte, são tão inevitáveis, que é em todas essas coisas que a sabedoria pensa quando nos recomenda fazer penitência; não menos importante é a questão das aflições humanas que uma aparente injustiça poderia atrair sobre nós, pois quando as aflições nos chegam, somos tentados a dizer que não as merecemos, pensemos que Deus poderia nos dizer: quando Me feriram em Meu Amor por vossa indiferença, em Minha verdade por vossas mentiras, em Minha Santidade por vossas desonras, merecia Eu todos esse ultrajes? E não obstante os sofreu a todos e os sofre todos os dias; sucede que, quando tenha sofrido assim a dor por seus próprios pecados, abre-se às dores que o Reparador suportou e suporta incessantemente pelos pecados dos homens; é necessário, aos que se apresentam para entrar a serviço deste bom Mestre, que se entreguem com zelo e ardor a partilhar Suas fadigas e sofrimentos; hão de sentir que este Mestre incompreensível em Seu Amor está mil vezes mais aflito pelos males terrestres e espirituais do que os homens o estão entre si, até um ponto que eles jamais poderiam estar; é necessário que o homem se aflija com Ele, que sofra para aliviar-Lhe, se for possível, que se dê conta de que este Mestre Divino é consolado em parte de Seus sofrimentos pelos triunfos que a eterna justiça não pode deixar de conseguir e que efetivamente

consegue todos os dias; todavia, a verdadeira forma de servir a este bom Mestre seria trabalhar para Lhe consolar em Seu Amor, buscando abrir-Lhe os corações daqueles que desejou chamar de Seus irmãos: pois somente tem sede de almas, e é desta sede que devemos trabalhar incessantemente em nos preencher, se desejamos nos converter em Seus irmãos e colaboradores. É necessário sentir que todas as abominações, erros e ilusões aos quais os homens se renderam, se rendem e continuarão a se render até o fim dos tempos, são como espinhos e punhais que rasgam o coração deste bom Mestre, entrar a Seu serviço é o tratamento que Ele espera e o pão cotidiano que deve comer. Pois não pode abrir os olhos sobre nenhum objeto da natureza, sobre nenhum homem, e ainda menos sobre nenhuma mulher, sem que encontre um sujeito de dor e aflição espiritual pelo qual o coração de nosso Mestre esteja atormentado desde o começo dos séculos: assim é a vida do verdadeiro discípulo deste verdadeiro Mestre, e assim é a verdadeira oração.

Já comentei antes que deveríamos pedir que Deus e a oração orassem a si mesmos em nós. Poderia ter acrescentado que, uma vez que se nos disse que qualquer coisa que peçamos ao Pai em Seu Nome a obteremos, faltaria ter a fé diligente de Lhe pedir a Ele mesmo em Seu Nome, a fim de que não possa recusar a nossa prece. A Escritura nos diz que o Espírito Santo roga sem cessar em nós por gemidos inefáveis. Se assim o é, não teremos outra coisa que fazer que não impedir ao próprio Deus orar assim em nós: pois, se Ele orasse tanto em nós como em todas as faculdades de Seu ser, seríamos então o verdadeiro *nada* que deveríamos ser em relação a Ele, e não teríamos senão que escutar continuamente as diversas e divinas preces que haveria em nós e para nós, e seríamos apenas o objeto, os testemunhos e os sinais viventes para instruir as regiões externas. Aí está o verdadeiro abandono: aí está esse estado onde nosso ser está continua e secretamente transportado da morte à vida, das trevas à luz, e se se ousa dizer, do nada ao ser; passagem que nos enche de admiração, não apenas por sua doçura, senão mais ainda porque esta obra permanece na mão divina que a opera e que, felizmente para nós, resulta incompreensível, como todas as gerações em todas as classes o são para os seres que nelas são os agentes e os órgãos; sim, a felicidade de tal ignorância em nós é tal que, se fosse possível oferecer-nos o conhecimento e a chave de nossa geração divina, seria um grande erro não recusá-la. Pois, se este Ser é tudo, onde poderia ir para corromper-se? Onde poderia ir que não se encontrasse a Si mesmo, isto é, que não encontrasse a verdade e a perfeição! No que se refere à Sua própria geração eterna e divina, não cremos que se consiga nunca conhecê-la em realidade efetiva, quaisquer que sejam as ideias sublimes que os investigadores da sabedoria nos possam oferecer. Pois existe uma magia universal sobre todas as gerações, todas o sentem, e não a compreendem. Não temo inclusive propor que Deus se maravilha perpetuamente em Sua própria geração, mas que se Ele a compreendesse, ela teria um começo, já que Seu pensamento seria anterior a tal geração; enfim, se o ser conhecesse sua própria geração, não mais haveria magia, e sem magia possuiríamos a ciência da verdade, mas já não mais teríamos prazer.

Quando tivermos a felicidade de alcançar este sublime abandono, o Deus que tivermos obtido por Seu Nome, segundo Sua promessa, este Deus que, em nós, ora a si mesmo, segundo Sua fidelidade e Seu desejo universal, este Deus que já não pode mais nos abandonar, uma vez que introduziu Sua universalidade em nós, este Deus, digo, faz de nós Seu habitáculo de operações: assim, com este Deus, já não temos mais manchas a temer, posto que Ele é a pureza que lava todas as partes e a que nada pode manchar; não temos mais que temer os ataques do inimigo, nem demoníaco, nem astral, nem terrestre, já que Ele é a força e o poder, e todas as potências fracassam ante ele; já não existem mais inquietações a ter por nosso caminhar, nem por nossos discursos, nem por nossas necessidades, porque Ele se transforma a Si mesmo em todas estas coisas e possui a plenitude de todos os meios para Se bastar: o que nos mostra a força e a verdade das palavras que disse a Seus apóstolos em Sua recomendação de não se preocuparem pelos cuidados de sua vida etc, tal como fazem os pagãos.

De fato, se temos a felicidade de chamar a nosso Deus por Seu próprio Nome, Ele vem estabelecer-Se em nós e não tardará em operar algum prodígio que assegurará um tanto mais nossa felicidade:

pois se vemos que, em Isaías, Jeremias, Amos e outros profetas, juram por Seu Nome, por Seu direito, por Sua alma, destroçar a força do pão, derrubar as cidades culpadas e não se recordar mais dos povos criminosos: quanto mais estará disposto a jurar por Seu Nome, por Seu direito, por Sua alma, não nos abandonar, não Se separar de nós, já que não poderia fazê-lo sem Se separar de Si mesmo? Quanto mais estariam desejosos de jurar todas estas coisas em Seu Nome por Seu Amor, que jurar o contrário em Seu Nome por Sua cólera? Pois bem, se nos foi acordado semelhante favor, deveria constituir nossa esperança e nossa segurança, posto que Deus não toma Sua Palavra em vão, não poderia com toda certeza tomar em vão Sua própria Palavra, por isso todas Suas promessas não podem carecer de efeito e todas Suas misericordiosas bênçãos nos seguirão e acompanharão para sempre. Recordemos que Ele deu Sua Palavra ao Reparador e que jamais poderá esquecê-La; recordemos que Ele disse que sempre que se reúnam dois ou mais em Seu Nome, estará no meio deles. Sendo assim, não apenas podemos unir nosso coração e nosso espírito em Seu Nome, senão também todas nossas faculdades, nossa fé, nossa justiça, nosso amor, nossa piedade, nossa devoção, etc.

Feliz, então, o homem a quem se digna a eleger a Divindade, para fazer um templo onde venha Ela mesma invocar Seu próprio Nome e jurar em Seu próprio Nome que velará sobre este templo, empregando-o na execução e no cumprimento de todos Seus propósitos! Deve esperar trabalhos penosos e uma grande submissão às ordens de seu mestre, mas apesar de serem esta fidelidade e esta exatidão indispensáveis, inclusive na ordem humana, quantas doçuras e recompensas deve esperar desta entrega, por não serem menores os serviços que Ele lhe prestará! Esta doçura pode amplia-se ao ponto em que o homem já não terá mais necessidade de pedir a este Deus para que venha nele invocar a Si mesmo em Seu próprio Nome; mas este Deus de Amor e de desejo virá Ele mesmo, sem sequer esperar a súplica do homem, que então já não terá outras orações que as de ação de graças e de júbilo. Não terá mais necessidade de lhe dizer, como na Escritura: *ora sem descanso*, pois *sempre* permanece nele e não pode permanecer sem orar e sem fazer eternamente Seu eterno desejo; quer dizer, sem fazer chover sobre nós e fazer fluir em nós corredeiras dos mundos espirituais e de uma incontável multidão de universos divinos. Porque se disse que desejava ser servido em espírito e em verdade e que era a estes servidores a quem amava, devemos então estar seguros de que servirá Ele mesmo em nós em espírito e em verdade, já que não pode deixar de ser fiel à Sua própria Lei, fundamentada não apenas sobre Sua invariável precisão, mas, acima de tudo, em não poder deixar de amar a Si mesmo e de agir Consigo próprio em espírito e em verdade, em conformidade a Seu próprio Amor.

Mas esta prece que Ele faz em nós é dolorosa, como a que nós mesmos fazemos, pois que se trata de um renascimento; não sentimos dores físicas naqueles membros que nos foram amputados? Da mesma maneira, devemos sentir no espiritual quando a ação se desenrola em nós, chegando àqueles membros espirituais aos quais o pecado fez sofrer a amputação. E, portanto, o Reparador deve sofrer de semelhantes dores, e ainda mais consideráveis, quando busca Se introduzir em nós! Pois somos como os membros desse grande Ser que, por nossas manchas, foram suprimidos Dele, e como Ele busca Se introduzir universalmente em todos Seus membros, deve-se perceber qual é a extensão da obra dolorosa que realiza em nós, já que Ele mesmo vem a converter-Se em fruto de Sua própria penitência; todavia, também devemos ver quais são nossas esperanças quando Ele mesmo vem fazer penitência em nós, já que Lhe deve resultar impossível resistir e não Se render a Sua própria penitência.

Homem, tu viste que o Reparador deseja vir fazer penitência em nós; tu vês que Ele busca reproduzir de novo todos nossos membros, apesar das vivas dores que esta obra Lhe ocasiona; tu vês que Ele chega a Se converter no fruto de Sua própria penitência. Estes inefáveis e incomparáveis favores não são suficientes para que Lhe peça, quando te haja curado, a graça de entrar, seja por que for, em Sua aflição, relativamente às manchas e às trevas dos demais homens.

Isto ainda não é nada para entrar assim em Sua aflição e participar das dores que a humanidade cega

e extraviada Lhe faz sofrer; é necessário que o juízo da espécie humana entre igualmente em nós, fazendo-nos sentir todo o entendimento e todo o horror. Além do mais, é preciso que percebamos a execução no geral, assim como percebemos individualmente nossa penitência particular e as dores de que nosso espiritual suporta para regenerar aqueles nossos membros amputados. Isto é o que constitui o verdadeiro estado profético.

Entretanto, esta obra é tão importante que te deves guardar de desejá-la antes que tuas substâncias seja o suficientemente puras e fortes para suportá-la: com ainda mas razão é esta precaução indispensável antes que peças ao grande Ser que Ele mesmo ore em ti: pois somente pode haver simpatia entre seres análogos. Contudo, desde que vigies constante e diligentemente sobre ti, estejas seguro de que este grande Ser não tardará a vir e Se convocará a Si mesmo em ti pela prece: este será o signo de tua Regeneração. Pois esta Regeneração não pode acontecer até que o curso progressivo de todas as eleições e de todos os pontos de todas as alianças se tenham cumprido em nós, já que só então a Palavra Eterna do Pai realiza Sua livre operação em nós e Se faz escutar a nosso espírito com toda a doçura que Ela engendra.

Então, será quando sentirás que a verdadeira fé não é outra coisa senão olhar para Deus como o proprietário da casa que tu Lhe cedeste através do pacto conjunto feito entre Ele e tua pessoa; por conseguinte, deves deixar-Lhe plena e inteira liberdade de usar à Sua conveniência tudo que compõe esta mansão; por último, esta verdadeira fé consiste em que não haja um só lugar de ti mesmo do qual reserves ou de onde conserves a mais mínima propriedade, posto que é Deus mesmo, Sua Vontade, Sua Operação, Seu Espírito que devem ocupar e completar todo o espaço que te constitui, considerando que, tendo-se convertido em Sua propriedade, já não podes possuí-la. Procuras, sobretudo, sentir que não podes nada, se não procedes, isto é, se não estás continuamente engendrado a partir de Deus, pois Deus somente pode viver e operar em Seu próprio desejo: eis aqui porque o homem não é nada enquanto não for universalmente a floração ou a explicação ativa do desejo de Deus: eis aqui porque também, quando é justo, o mesmo Deus não Se lhe resiste, porque somente é justo quando Deus habita nele e lhe justifica. Porém, para alcançar este alto objetivo, há de se passar antes pelo emprego determinado de todas as potências de nossa vontade. Pois nos sentimos tão bem na obra por ser nossa vontade uma potência que se prova fisicamente, ao desejar o que queremos, do tanto que está a lei vinculada ao jogo dos sentidos a que se refere. Assim, deveríamos orar sempre, ou absorver o tempo em nossa prece, se desejamos restabelecer nossas analogias com Aquele que é atemporal; deste modo, deveríamos nos aderir inseparavelmente e sem interrupção a este Nome profundo que quer estar ligado inseparavelmente a tudo, posto que sem esta fonte não pode haver nada regular participando da luz; então, devemos fazer esforços constantes e perpétuos para que este Nome radical não se separe de nós por um único instante, uma vez que nada em nossas obras espirituais, sociais, intelectuais, morais, naturais, corporais, pode ser legitimado e garantido por nossas próprias censuras, já que todas estas obras são o efeito positivo e o resultado mesmo deste grande Nome.

Mas uma maravilha que não se pode proclamar alto o suficiente é que o homem ora sempre, mesmo quando não o saiba; e as preces que realiza conscientemente não são senão o produto das que ignora: são o fluir desse rio eterno que se engendra nele; apenas têm por objetivo vivificar todos seus membros, todos seus caminhos e, através dele, todas as regiões, a fim de que a vida esteja por toda parte.

Não obstante, se a esta prece secreta e desconhecida não acrescenta suas preces ativas e voluntárias, esta oração secreta não lhe serve de nada, e sua própria paz ou a paz que engendra se recolhe sobre si mesma.

FIM